

## IDENTIDADE/DIVERSIDADE NOS INÍCIOS DA EXPANSÃO PORTUGUESA

*Eugénio dos Santos*  
*Universidade do Porto*

A partir da 2ª metade do séc.XV e durante o seguinte operou-se uma abertura do mundo, i.é, assistiu-se a uma expansão planetária da Europa e iniciou-se um diálogo entre diferentes formas de vida e valores de civilização. Os homens do Ocidente europeu foram descobrindo e descrevendo comportamentos diversos, muito deles exóticos, iniciando-se, a partir de então, uma nova idade, que foi também fronteira de acontecimentos e de conhecimentos sócio-culturais.

Com os Descobrimentos (ibéricos) explodiram os limites da terra e do mar, abriram-se novos horizontes e iniciou-se uma acelerada comunicação intercivilizacional. No século XVI os povos ibéricos tornaram-se, através das suas descobertas e conquistas, uma espécie de instrumento de análise do planeta, colocando frente a frente a humanidade europeia (seus fundamentos, valores e práticas) com a Humanidade plena – no sentido planetário do termo.

A Europa mediterrânea – atlântica lançava-se à conquista do mundo.

Ora Descobrimentos e Conquistas de Quinhentos permitiram e provocaram uma profunda desestabilização das normas tradicionais de viver e do saber. Iniciou-se, então, uma autêntica e profunda revolução sócio-cultural, a qual nunca mais permitiria que os povos ibéricos – e ocidentais – continuassem a seguir os modelos comportamentais dos seus antepassados. Como afirmou um autor contemporâneo<sup>1</sup> ao descobrirem, os europeus tiveram que se re-descobrir a si mesmos, interrogaram-se em função de novos paradigmas, questionaram as suas crenças, a sua violência, os seus direitos, em suma, tiveram que definir a sua identidade, face ao que era diverso. Aliás, a afirmação do direito natural das gentes, em que as escolas de Salamanca e Coimbra tiveram importantíssimo papel, radica a constatação de que o diverso, o diferente, mesmo que possa até ser chocante, não pode deixar de ser respeitado.

Como se sabe, ao observarem-se práticas primitivas consideradas aberrantes e in-humanas, sobretudo nas Américas (antropofagia, incesto, crimes rituais bárbaros, sodomia sistemática, etc) muitos contemporâneos inclinaram-se para aceitação da ideia de que as criaturas que as praticavam, embora de aspecto exterior humano, não seriam verdadeiramente homens. O que distingue o humano do bruto será um comportamento superior. Ora este era por eles desconhecidos. Pelo seu barbarismo, crueldade e incapacidade intelectual, seriam muito mais brutos do que homens...<sup>2</sup>. Foi precisa uma bula de Paulo III de 1537 para acabar com estas hesitações doutrinárias.

Porquê tal perplexidade? É que no início do séc.XV, portanto cerca de um século antes, o conhecimento do planeta reduzia a \_ da sua totalidade e estava na posse da civilização islâmica<sup>3</sup>. E um século depois já ele era planetário e armazenara um volume de dados tão enorme e tão variado, que haveria de provocar rupturas e exigir a formulação de novos parâmetros mentais<sup>4</sup>. Era fundamental abrir-se à diversidade, procurando não perder a identidade. Ora esta foi buscada e sangrentamente afirmada a partir da matriz religiosa. Pertencer a este ou àquele credo religioso era sinal de identificação com um grupo, da aceitação de uma axiologia e de uma ética próprias, mas marcava, também, uma superioridade. Esta devia impor-se, mesmo à força. Assim se entendem as guerras e os ódios entre cristãos e muçulmanos, entre católicos e protestantes, entre o povo de Deus (católico) e o gentio ateu. Mas... , qualquer descrição e/ou compreensão etimológica são sempre valorativas. O outro é sempre uma falha/falta/obstáculo e não uma diferença. Não se consegue transcender o quadro valorativo individual<sup>5</sup>.

Remonta ao séc.XVI o início de um processo de acumulação de dados e bens materiais que foram permitindo a transformação de uma antiga civilização a qual foi acumulando um gigantesco banco de informações, que as nossas bibliotecas encerram e divulgam por todo o mundo. A contaminação de produtos, de técnicas, de ideias, de valores, penetrou em todos os espaços, arrancando-os ao isolamento multi-secular. Podemos afirmar, sem receio de faltar à verdade, que a partir do estabelecimento e das conquistas portuguesas no norte de África e ao longo da costa atlântica, da chegada à Índia e do encontro com o Brasil, os portugueses tiveram que se abrir à diversidade e dela tiveram clara consciência<sup>6</sup>. Por isso questionaram a sua identidade, como fizeram Sá de Miranda e Camões, para citar apenas dois exemplos. A partir do séc.XVI, jamais os portugueses ficaram como eram anteriormente e jamais os povos com que eles entraram em contacto sistemático permaneceram iguais. Daí as guerras, por exemplo com os índios americanos, que temiam perder a sua identidade<sup>7</sup>.

Sabemos que para impor uma civilização se usou e abusou da força, aliás, considerada legítima, segundo os cânones de então.

Mas isso provocou remorsos de consciência, acendeu discussões fortes mesmo entre os poderosos (lembramos o que sucedeu com os príncipes de Aviz a propósito da conquista de Ceuta), provocou traumas sociais, de que os cronistas contemporâneos se deram conta. Abundam disso exemplos. Citarei o de Gomes Eanes de Zurara como um dos mais sugestivos. Eis as suas palavras: “Ó tu, celestial Padre, que com tua poderosa mão, governas toda a infinda companhia da tua santa cidade, e, como te praz!

Eu te rogo que as minhas lágrimas nem sejam dano da minha consciência, que nem por sua lei daquestes, mas a sua humanidade constringe a minha que chore piedosamente o seu padecimento. E se as brutas animalias, com seu bestial sentir, por um natural instinto<sup>2</sup> conhecem os danos de suas semelhantes, que queres que faça esta minha humana natureza, vendo assim ante os meus a questa miserável companhia, lembrando-me de que são da geração dos filhos de Adão!

No outro dia, que eram VIII dias do mês de agosto, muito cedo pela manhã por razão da calma, começaram os mareantes de correger seus bateis e tirar aqueles cativos, para os levarem segundo lhes fora mandado; os ques, postos juntamente naquele campo, era uma maravilhosa cousa de ver, que entre eles havia alguns de razoada brancura, fremosos e apostos; outros menos brancos, que queriam semelhar pardos; outros tão negros como etiopes<sup>3</sup>, tão desafeiçoados assim nas caras como nos corpos, que quasi parecia, aos homens que os esguardavam, que viam as imagens do hemisfério mais baixo.

Mas qual seria o coração, por duro que ser pudesse, que não fosse pungido de piedoso sentimento, vendo assim aquela campanha? Que uns tinham as caras baixas e os rostros lavados com lágrimas, olhando uns contra os outros; outros estavam gemendo mui dolorosamente, esguardando a altura dos ceus, firmando os olhos em eles, bradando altamente, como se pedissem acorro ao Padre da natureza; outros feriam seu rosto com suas palmas, lançando-se tendidos no meio do chão; outros faziam suas lamentações em maneira de canto, segundo o costume de sua terra, nas quaes, posto que as palavras da linguagem aos nossos não pudesse ser entendida, bem correspondia ao grau de sua tristeza.

Mas para seu dó ser mais acrescentado, sobrevieram aqueles que tinham cargo de partilha e começaram de os apartarem uns dos outros, a fim de poerem seus quinhões em igualeza; onde convinha de necessidade de se apartarem os filhos dos padres, e as mulheres dos maridos e os uns irmãos dos outros. A amigos nem a parentes não se guardava nenhuma lei, somente cada um caía onde o a sorte levava!

Ó poderosa fortuna, que andas e desandas com tuas rodas, compassando as causas do mundo como te praz! E sequer põe ante os olhos daquesta gente miseravel algum conhecimento das cousas postumeiras, por que possam receber alguma consolação em meio de sua grande tristeza! E vos outros, que vos trabalhaes desta partilha, erguardae com piedade sobre tante miseria, e vede conmo se apertam uns com os outros, que apenas os podeis desligar!

Quem poderia acabar aquela partição sem mui grande trabalho? Que tanto que os tinham postos em uma parte, os filhos, que viam os padres na outra, alevantavam-se rijamente e iam-se para eles; as madres apertavam os outros filhos nos braços e lançavam-se com eles de bruços, recebendo feridas, com pouca piedade de suas carnes, por lhe não serem tirados! E assim trabalhosamente os acabaram de partir, porque além do trabalho que tinham com os cativos, o campo era todocheio de gente, assim do lugar como das aldeias e comarcas de arredor, os quaes leixavam em aquele dia folgar suas mãos, em que estava a força do seu ganho, somente por ver aquella novidade.

E com estas cousas que viam, uns chorando, outros departindo, faziam tamanho alvoroço, que poinham em turvação os governadores daquela partilha.”

Pero Vaz de Caminha, na famosíssima Carta sobre o achamento do Brasil, conseguiu “ver” assim os índios da actual Baía:

“A feição dêles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos nêles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossa dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrês, alí encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sôbre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um dêles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarelas, que seria do comprimento de um côto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda com cêra (mas não o era), de maneira que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguagem mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando êles vieram, estava sentado em uma cedeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aquí na nau com êle vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um dêles pôs ôlho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia alí. Mostraram-lhes carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Deram-lhes alí de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um dêles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se êle queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.

Então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. O Capitão lhes mandou pôr por baixo das cabeças seus coxins; e do da cabeleira esforçava-se por a não quebrar. E lançaram-lhes uma manto por cima; e êles consentiam, quedaram-se e dormiram.”

«Alí verieis galantes, pintados de preto e de vermelho, e quartejados, assim nos corpos, como nas pernas, que certo, pareciam bem assim.

Também andavam, entre êles, quatro ou cinco mulheres moças, núas como êles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma côxa, do joelho até ao quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria côr. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão núas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia vergonha alguma.

Também andava aí outra mulher moça, com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos, de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum...»

Como se poderá verificar, os portugueses não se aperceberam não apenas da diversidade das gentes com que contactaram, mas, igualmente, dos seus valores, comportamentos, modelos de sociedade, procurando inclusive, descortinar-lhes sentimentos íntimos. Neste aspecto, contudo, eram os seus que emergiam. Mas a diversidade de identidades jamais se ignorou, a partir de então. Nisso os portugueses foram, sem dúvida, pioneiros.

## Notas

1- Luis Filipe Barreto, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber. Uma análise sociocultural*. Lisboa, 1987.

2- Pedro Borges Morán, *Misión y Civilización en America*, Madrid, 1986.

3- Luis de Albuquerque, *As Navegações e a sua Projecção na Ciência e na Cultura*. Lisboa, 1987.

4- *A Ciência e os Descobrimentos*. J.N.I.C.T.; Lisboa, 1995.

5- Cf. Idem, pp 25 a 67.

6 - Recorde-se, por exemplo, a obra de Duarte Pacheco Pereira.

7- Leiam-se, como paradigma, as famosas *Cartas Jesuísticas*, publicadas pelas edições Itatiaia, n.os 147, 148 e 149. Belo Horizonte, S. Paulo, 1988.

